

AHMA – EXPOSIÇÕES DOCUMENTAIS

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE ALMADA

13.ª EXPOSIÇÃO DOCUMENTAL

“Romeu Correia: vida e obra”

Texto de Apoio

CASA PARGANA
Rua Visconde Almeida
Garrett, 12 – Almada

• • •

28 de Setembro
a
30 de Novembro 2007
2.ª a 6.ª feira:
das 10.00h às 12.30h
e
das 14.00h às 17.00h

• • •

Visitas guiadas
e palestras por
marcação
(Tel.: 212724900)



DIVISÃO DE HISTÓRIA LOCAL E ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

DIRECÇÃO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL



CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

ROMEU CORREIA

VIDA E OBRA

APRESENTAÇÃO

A exposição documental, que apresentamos à comunidade, tem o propósito de divulgar aspectos da vida e obra do escritor Romeu Correia (1917-1996), no âmbito do 90º aniversário do seu nascimento.

É rica a obra literária que Romeu Correia legou à comunidade. Escreveu para testemunhar a vida e os problemas do seu tempo. Desde a sua estreia literária em *Sábado Sem Sol* (1947), Romeu Correia, com a sua natural vocação e coerência, aperfeiçoou o seu ofício da arte de escrever novelas, contos, peças teatrais, crónicas. Um poeta na prosa dos seus romances ou nos diálogos do seu teatro.

A sua singularidade literária não estava numa escrita *barroca*, nem na abordagem de temas alheios ou na *novidade* de estrutura textual. A *originalidade* estava na voz do povo – o âmago da sua admiração, com a qual se identificou e a que se orgulhou pertencer. O *instinto* de saber mergulhar, com coragem e transparência, na história das gentes da *Outra Banda* com quem conviveu. O próprio autor quando agradeceu o Prémio Ricardo Malheiros – 1976, que lhe foi entregue pelo presidente da Academia das Ciências, pronunciou as seguintes palavras: «(...) fui testemunha dos trabalhos forçados da grande maioria do povo deste País, e isso nunca eu o poderia esquecer ao pegar na pena para elaborar as minhas histórias ou meus dramas. Meio século de espectáculo, por vezes tão degradante, de pequenas e grandes injustiças e atropelos de classe, sentidos até na própria carne, constituiu pois alfobre de temas e de figuras que a sociedade me impôs, com severa prioridade, para os meus trabalhos. Nunca poderia enveredar, portanto, sem traição de consciência (e de classe, pois então!), por caminhos ínvios, cuidando de gentes e de lugares doutros quadrantes, alheios, sem dúvida, à minha sensibilidade e ao meu coração. O concelho de Almada, torrão que me foi berço e de que, pela vida fora, jamais me aparte, identificando-me com o seu latejar quotidiano, é quase sempre o cenário físico onde animo os conflitos sociais da minha novelística ou do meu teatro. Raro desloco a objectiva para outras paisagens, embora o meu ofício e a minha imaginação exercitada

me tentem, de quando em vez, apartar-me de tantos mundos que me são queridos».

Romeu Correia foi *classificado* por alguns críticos literários como um escritor populista. Fernando Mendonça foi categórico: «o facto de Romeu Correia utilizar o povo, o seu romanceiro, os fantoches ou o colorido da alma popular não lhe confere fisionomia populista». O autor faz parte daquela plêiade de dramaturgos, dos quais se destacam: Luís Francisco Rebelo, Bernardo Santareno e Luís Sttau Monteiro que a partir do pós-guerra procuraram imprimir ao teatro português uma orientação realista de estrutura mais imaginativa.

Ficcionista cuja obra está profundamente marcada por traços de uma personalidade original. Escreveu *Trapo Azul*, *Calamento*, *Gandaia*, *Desporto-Rei*, *Bonecos de Luz*, *O Tritão*, *Cais do Ginjal* – romances que suscitaram da parte da crítica as seguintes palavras: «é um dos poucos escritores portugueses com alguma coisa que dizer e com coragem de dizer quanto vê, quanto pensa, quanto sonha».

Como dramaturgo, foi um dos autores mais representados, quer por amadores, quer por equipas profissionais. A carreira dramática de Romeu Correia caracterizou-se por uma aplicada coerência. Todo o nosso país conhece as peças teatrais: *Casaco de Fogo*, *O Vagabundo das Mãos de Oiro*, *Jangada*, *Bocage*, *Laurinda*, *Céu da Minha Rua*, *O Cravo Espanhol*, *Roberta*, *Grito no Outono*, *As Quatro Estações*, *Tempos Difíceis*, *O Andarilho das Sete Partidas*, *A Palmatória*, entre outras. Um dramaturgo seguro do seu ofício de recriador do quotidiano imaginado e autêntico, de maravilhoso e vulgar, de artificioso e real –, só Romeu Correia seria capaz de escrever peças como *O Vagabundo das Mãos de Oiro*, *Bocage*, *O Andarilho das Sete Partidas*. Ler uma peça da sua autoria é sentir os personagens no palco. Como defendeu António José Saraiva: a «maior revelação teatral do neo-realismo está em Romeu Correia, autor de *O Vagabundo das Mãos de Oiro*. Desde a primeira página o leitor sente que as suas personagens vivem e contracenam».

Contador de histórias, romancista, dramaturgo, coloquiador admirável, dinamizador cultural, ele é também a memória falada do passado próximo e remoto das gentes da *Outra Banda*. Romeu Correia é um artista que viveu no meio do seu povo, junto da margem do rio Tejo com

as suas tradições, vicissitudes e vivências associativas.

Homem com fiéis admiradores, legenda viva, direi mais, uma *figura lendária* de que Almada e suas gentes legitimamente se orgulham.

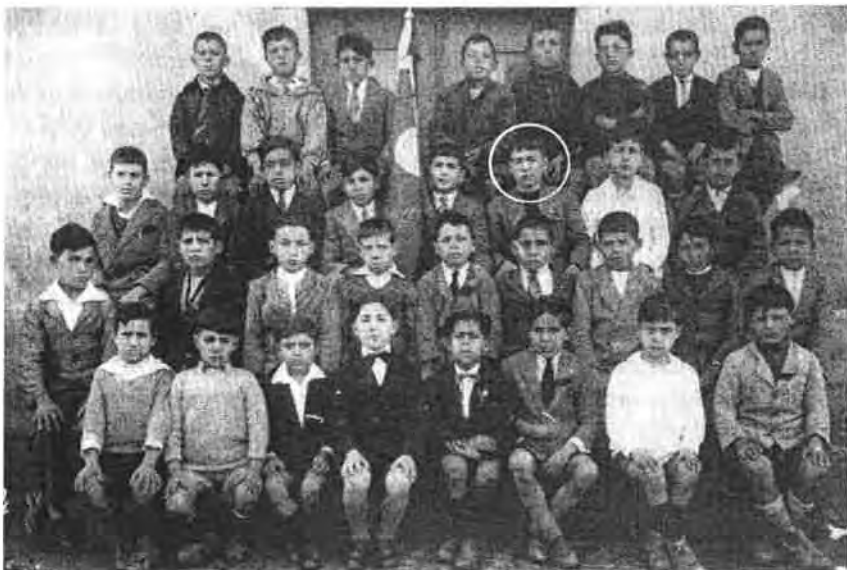
Com esta exposição pretende-se dar a conhecer um síntese da actividade literária de Romeu Correia ao público em geral e, em particular, aos professores, estudantes e aos mais novos que ainda desconhecem a vida e obra do escritor almadense (A. Flores).

ROMEU CORREIA: sua infância e juventude

A 17 de Novembro de 1917 nasceu na Rua Elias Garcia n.º 50 (antiga Calçada da Pedreira) em Cacilhas um rapazito de seu nome Romeu Henrique Correia, filho de Rogério Henrique Correia e de Arminda do Nascimento Correia, natural de Almada. Vinha de “boas famílias” ou como gostava de afirmar, de uma “pequena burguesia pelintra”.

Romeu Correia foi criado pelos avós paternos José Henrique Correia, natural de Santarém, gerente dos armazéns de vinhos da família Teotónio Pereira, e Josefina Flores Correia, doméstica, que após o armistício da 1.ª Guerra Mundial se mudaram para o Cais do Ginjal.

Devido à separação dos pais, Romeu Correia viveu uma infância atribulada junto dos *catraios* do Ginjal, o que levou a quatro tentativas falhadas de aprendizagem em mestres particulares, acabando por matricular-se na Escola Conde de Ferreira no Campo de São Paulo.



Romeu Correia e os seus colegas de turma, 1930 (Escola Conde de Ferreira).

Em 1930 o avô paterno sofre um grave acidente nos armazéns Teotónio Pereira, vindo a falecer um mês depois.

Conclui o exame de instrução primária em Julho de 1931 e matricula-se na Escola Industrial de Marquês de Pombal em Lisboa. Devido às adversidades do trajecto, à escassez de meios de transporte e à animosidade de um certo mestre na oficina, desistiu no 3º período.

O facto de sempre ter vivido no Ginjal influenciou a sua primeira opção desportiva, participando numa prova de natação entre Arealva e Cacilhas, iniciando assim uma só camaradagem com jovens atletas almadenses. Foi sempre um apaixonado pela cultura física e jogos atléticos.

Retoma os estudos em 1933 na Escola Industrial Fonseca Benevides em Santos-o-Velho, onde conclui o 4º ano lectivo com o objectivo de concorrer ao curso de sargento condutor de máquinas da Armada. Assenta praça como soldado no batalhão de sapadores dos Caminhos-de-ferro a 4 de Março de 1938, no Entroncamento, onde após três meses sai "livre ao número".

Embora continue ligado ao desporto Romeu Correia inicia-se em espectáculos teatrais na Academia Almadense e noutras colectividades, escrevendo várias peças e textos carnavalescos encenados e interpretados por si.

No ano de 1939 para além do apogeu de resultados que alcançou em atletismo deu-se uma grande modificação na sua vida, inicia o namoro com Almerinda Rosa Dias Carreira. Devido a vários problemas familiares e materiais por parte de Almerinda, o casal v -se obrigado a alugar um quarto na Rua Henriques Nogueira, onde passaram a viver maritalmente. Romeu Correia começa a trabalhar no Banco Nacional Ultramarino na vila da Régua a 17 de Março de 1941, encetando relações com várias figuras ligadas   escrita, que o encaminham nos primeiros passos da vida literária. Em Junho é transferido para uma filial do BNU em Torres Vedras, o que faz com que devido à distância o casal tenha mais despesas e Almerinda v  morar com o marido no Bairro do Matadouro nos arredores de Torres Vedras. Passado algum tempo, influenciada pelo marido, inicia-se também na prática do atletismo. A 31 de Outubro de 1942 casam-se no Registo Civil de Torres Vedras. No ano seguinte Romeu Correia é transferido para a sede

do BNU em Lisboa, passando o casal a residir na moradia do tio José Carlos de Melo, na Av.^a Heliodoro Salgado, em Almada.

Cinco anos após a morte do pai Rogério Henrique Correia, nasce, a 28 de Março de 1950, a filha do casal, Julieta Rosa Correia, mãe de Vasco e Ana Margarida, netos deste grande autodidacta das letras, multifacetado e trabalhador incansável até ao fim dos seus dias.

O DRAMATURGO

O teatro foi sempre uma das suas grandes paixões e começou a escrever em 1938, algumas farsas carnavalescas para espectáculos das colectividades. Muito antes de editar o seu primeiro romance, ainda quando praticava desporto, foi amador teatral e fez representar *Razão*, um drama da sua lavra, em Almada. Era a sua aprendizagem da carpintaria teatral. Outras experiências se seguiram. Espectador assíduo das casas de espectáculo, em especial, o Teatro-Estúdio do Salitre, Romeu Correia foi tomando contacto com novas estéticas.

Algumas peças suas foram representadas pelo Grupo de Amadores da Sociedade Guilherme Cossoul, onde conheceu, entre outros, Jacinto Ramos, Raul Solnado, Varela Silva, José Viana – então, todos amadores. Foi aí que Romeu Correia se *preparou*, assim como nas sociedades de cultura e recreio de Almada, onde a sua formação se adquiriu em contacto com a comunidade. Romeu Correia, empregado do Banco Nacional Ultramarino, desabafava há uns quinze anos atrás: «Se pudesse dispôr de 24 horas em cada dia, não ia estudar teatro para o estrangeiro, ia percorrer as nossas aldeias, sobretudo as do Norte e aprender com o povo desses lugares... Devemos procurar conhecer as nossas raízes, para que a nossa explicação seja autêntica»¹.

Ler uma peça da sua autoria é sentir os personagens no palco. Como defende António José Saraiva: «a maior revelação teatral do neo-realismo está em Romeu Correia, autor de *O Vagabundo das Mãos de Oiro*. Desde a primeira página o leitor sente que as suas personagens vivem e contracenam»².

Ligado por razões estéticas mas também por razões humanas, sociais e políticas, ao neo-realismo, o ensaísta Carlos Porto observa – que o «teatro de Romeu Correia recusa-se, no entanto, à fixação num modelo rígido que aliás o neo-realismo não impõe. Por isso encontramos nesse teatro expressões dum realismo popular muito forte que se articulam com um imaginário igualmente forte.

«São vários os processos utilizados por Romeu Correia» – sustenta ainda C. Porto – «nessa articulação como são diversificadas as zonas sociais em que se inserem. Poucos no entanto serão os nossos dramaturgos que tenham conseguido ligar tão estreita e autenticamente as massas populares e as personagens que nelas se individualizam, que delas, ou de outras camadas sociais, sobressaiem: numas e noutras encontramos a mesma verdade radical e a mesma verdade teatral. Se Romeu Correia é um escritor de teatro, a sua escrita é em todas as circunstâncias a de um artista que reconhece no teatro

uma forma de expressão específica que só existe na medida em que se transforma em realidade cénica. É daí, desse conhecimento primordial, que advém a enorme energia dramática deste teatro tantas vezes representado por companhias profissionais e por grupos amadores.



Peça de teatro “Laurinda”, na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

«Nem sempre, é certo, o teatro de Romeu Correia consegue superar certas debilidades de efabulação, certos circunstancialismos conflituais, o carácter excessivamente convencional que por vezes o marca. Nos seus melhores momentos, porém, essa obra opera e parece operante (nos textos ainda inéditos em palco), a um nível que o teatro português contemporâneo raramente atinge. Estamos a pensar em *Casaco de Fogo*, *O Vagabundo das Mãos de Oiro*, *Roberta*, *O Andarilho das Sete Partidas*, exemplos de encontro admirável de um dramaturgo com uma matéria muito densa que ele soube prospectar plasmando-a em vida teatral duma grande riqueza»³.

¹ *Romeu Correia: o autor vivo mais representado*. Entrevista recolhida por Afonso Praça «Flama», Lisboa, A. 28 (1244), 7 de Janeiro 1972, p. 28.

² *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Pub. Europa-América, 1972, p. 269.

³ Programa do 10.º Festival de Teatro de Setúbal, organizado pelo Teatro de Animação de Setúbal, em homenagem a Romeu Correia (1985).

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Romeu Correia é um contador de histórias nato, onde o escritor se encontra muito mais próximo do seu ofício. «Ouvir conversar Romeu Correia [era] dos prazeres mais gratos e inesquecíveis para quem com ele alguma vez trocou impressões. Contador de histórias nato, quase tímido, quase infantil no sorriso – raro e triste – a gente ouvia-o falar da sua infância sem ternura, dos tempos duros da sua vida de recém-casado em que ele e a mulher – ambos atletas de grande nome – fizeram o seu dia a dia com uma coragem, dignidade e alegria verdadeiramente fabulosas e tudo o que lhe aconteceu surge-nos revestido de maravilhoso, como se estivesse a passar-se num palco. Ouvimo-lo sem interromptos e quando se chega ao fim da história, por mais insignificante que seja, apetece pedir: Não pare! Conte mais.



Romeu Correia, finais da década de 1980 (Escola Anselmo de Andrade).

«Eu já sabia que era assim e quem nos acompanhou teve a oportunidade de partilhar estas nossas afirmações e despedir-se, quando a entrevista acabou, tão comovido como nós, porque Romeu Correia é

ainda essencialmente um Homem irmão do Homem a quem faz pena dizer adeus»¹.

Romeu Correia tinha uma grande necessidade de passar ao papel várias histórias e figuras que povoavam o seu pequeno mundo. Na introdução à 2.^a edição de *Sábado Sem Sol*, o escritor afirma: «Testemunhar os problemas sociais, os conflitos de classe, os dramas humanos, revelando e condenando o mundo injusto e contraditório que nos rodeia e oprime, é a função primeira do contador de histórias. Foi o que fiz. Com alguma ficção, para não irritar os patrícios, distanciei-me dos primitivos modelos utilizados, concluindo o meu livro no ano seguinte (1947). (...) Edição do autor (*Sábado Sem Sol*), distribuído pela Editorial Claridade», – conta-nos Romeu Correia – «o livro fora dedicado às bibliotecas populares da minha terra, Incrível e Academia Almadaense, pelo muito que devo à sua acção cultural. Uma vez paga a despesa da tipografia (7500\$00), todo o lucro reverteu a favor das duas instituições culturais acima mencionadas, lucro que atingiu 3900\$00.

«Dois meses após a publicação, a Pide procedia à apreensão do *Sábado Sem Sol*, semeando o desgosto e a indignação na maioria dos meus leitores, e digo na maioria, porque, inexplicavelmente, tristemente houve, em Almada, quem, sentindo-se retratado nas páginas do livro, descesse à ignomínia de me denunciar na sede da famigerada polícia política. Após este golpe policial, que felizmente não redundou num desaire financeiro, vivi alguns dias de expectativa e desorientação. Não só por a minha carreira literária ser logo de início brutalmente interrompida (pois até todas as críticas foram proibidas nos vários jornais e revistas, e aqui é significativo citar a de Mário Dionísio na *Seara Nova*, que a Irene Lisboa teve a gentileza de me fazer chegar às mãos, toda bezuntada do infame lápis azul), mas ainda, e sobretudo, pelo pânico que se gerou na maioria dos meus primeiros leitores». (...) «Contou-me o Poeta Alexandre O'Neill que, por esse tempo, leu o *Sábado Sem Sol* manuscrito, pois mãos revolucionárias puseram-lhe subrepticamente diante dos olhos. Outro Poeta tomou contacto com a minha prosa e a minha existência humana também às escondidas... Este lírico é o Eugénio de Andrade»².

¹ Maria Rosa Colaço. «Diário de Moçambique», 27 Março 1969.

² *Sábado Sem Sol*, 2.^a edição do autor, 1975, pp. 9-11.

ROMEU CORREIA E O DESPORTO

Falar de *Romeu Correia e o desporto*, é falar um pouco da sua infância, da sua adolescência no cais do Ginjal. Nascido em 17 de Novembro de 1917 na Calçada da Pedreira, Romeu Correia foi morar, um ano depois, para o Ginjal, com o seu avô paterno José Henrique Correia, ao tempo gerente dos armazéns de vinho da firma Teotónio Pereira, Lda.. Foi nessa zona ribeirinha que o autor começou a viver para o Desporto.

Romeu Correia-criança ainda tomou contacto com os jovens operários que trabalhavam nas oficinas e armazéns do Ginjal, alguns deles futebolistas e atletas de várias modalidades dos clubes da vila, que na época calma se banhavam no rio, exibindo os diferentes predicados atléticos.



Participação de Romeu Correia na estafeta olímpica, por volta do ano de 1940.

Este *cenário* ajudou Romeu Correia a enveredar pelo desporto, e a compreender que só com a ajuda da cultura física, o insipiente praticante podia defender a saúde e atingir melhores resultados. Isso levou-o, por volta dos 12-13 anos de idade, a estudar em compêndios de cultura física as noções de ginástica, que pela vida fora foi ampliando. Com 15 anos de idade, Romeu

Correia entrou pela primeira vez em prova oficial de natação, no percurso compreendido entre o Olho de Boi e Cacilhas.

O atletismo e a natação foram as modalidades desportivas que mais cedo seduziram Romeu Correia, em especial, o atletismo. Pois, havia uma geração anterior   sua sob a direcção de Frederico Pinheiro que praticava essa modalidade. Por volta dos anos de 1932-33, unindo-se a vários rapazes da sua idade, criaram um grupo de atletas almadenses que foi conhecido em todo o país, como: Ant nio Calado, Francisco Avelar, Francisco Bastos, Sérgio Malpique, Agostinho Brilhante, João Carapinha, Rosa da Silva, José Gonçalves, Ramiro Ferrão, assim como Alfredo Abrunhosa e Henrique Mota, estes de Cacilhas. Entretanto, uma outra modalidade o atraiu, o pugilismo amador, onde foi um conhecido praticante.

DINAMIZADOR CULTURAL

Reformado do seu emprego como funcionário bancário, Romeu Correia prosseguiu a sua carreira literária e participou activamente na vida pública, cooperou em iniciativas culturais em Almada e outras terras do país. Coloquiador portentoso, ouvido com prazer, era solicitado pelas autarquias, estabelecimentos de ensino e outras instituições, para colóquios ou visitas guiadas a locais de interesse histórico. O encanto e a força da sua palavra prendiam a atenção de qualquer público e conquistava a admiração de todos os ouvintes. Romeu Correia punha a sua voz ao serviço da memória colectiva do povo de Almada¹.



Romeu Correia numa visita guiada ao concelho.

Romeu Correia bem pode orgulhar-se do sucesso dessas iniciativas culturais, onde *retratou* «uma vida preenchida de experiências capazes de alimentar a veia de um contador de histórias invulgar como ele foi, de verbo fácil, servido por uma memória invejável e, ao que dizem, por um arquivo pessoal fora do vulgar»².

Além dos contos *Sábado Sem Sol e Um Passo em Frente e*, ao longo da sua vida, ele publicou em jornais e revistas dezenas de trabalhos pertencentes às modalidades de contos, crónicas, biografias, narrativas. Destas duas últimas, dois livros prendem a nossa atenção: *Homens e Mulheres vinculados às Terras de Almada e O 23 de Julho*.

¹ O escritor também pos a pena ao serviço da memória das gentes de Almada, em trabalhos como: *O 23 de Julho* (narrativa), *Homens e Mulheres vinculados às Terras de Almada* (biografia), *Academia Almadense*.

² J. S. P. — *Romeu Correia: saudades de um Tejo que já não há...* «Jornal de Letras, Artes e Ideias», Lisboa, 21 Maio 1983.

O QUE DISSERAM SOBRE ROMEU CORREIA E SUA TERRA NATAL

Urbano Tavares Rodrigues

«Escritor de Almada, emanção autêntica do povo, historiador da vida miúda, dramaturgo habilíssimo, com uma poética própria e o talento raro da simplicidade, Romeu Correia repartiu-se por diversas áreas da escrita: o teatro, onde sobretudo se afirmou, o romance, o conto, a crónica, a monografia.

Nasceu na pobreza, em Almada, a 17 de Novembro de 1917, e nessa sua mesma terra*, que prolonga Lisboa a Sul do Tejo, faleceu a 12 de Junho de 1996. Teve juventude aventureira em que experimentou diversos ofícios, praticou atletismo, chegou a ser pugilista amador e profundamente conheceu directa ou indirectamente, os calafates, tanoeiros, descarregadores do cais, costureiras, gente de outras profissões manuais, que havia de transportar para a sua obra, e também o mundo das associações culturais e recreativas, que tiveram um grande papel na cultura popular antifascista».

Serafim Ferreira

«Nascido e criado mesmo no Cais do Ginjal, nessa Cacilhas sempre evocada dos anos 20 e 30 do século XX, que foi o tempo de sua infância e adolescência, Romeu Correia soube desde sempre ligar-se à terra natal em que se fez homem pela profunda adesão ao espírito das pessoas, coisas e lugares, porque em páginas memorialistas, recriadas ou reinventadas em sinais de uma prosa realista, pode dar de Almada um retrato humanizado nesse fio de transição entre o passado e o presente que viveu e conheceu até aos 78 anos, quando a morte para sempre o levou numa tarde quente de Junho».

Rosa Colaço

«A verdade é que, para os amigos, Romeu Correia ainda não está ausente: foi só ali ao Ginjal à procura do Tritão e de outros sonhos. No país do mistério que agora habita talvez os sonhos todos sejam consentidos. Por isso, no dia da inauguração do Fórum, bem o vi,

comovido, camisola de gola alta e branca, a escutar as palavras que o Vasco escreveu e a Guida leu de forma tão interiorizada e bela, seus netos bem amados, seu orgulho maior».

Mário Castrim

«Atravessávamos o Terreiro do Paço (ele recusou-se sempre a dizer Praça do Comércio) íamos para a beira do Tejo, a sugestão inicial partiu dele. Em primeiro lugar, ali podíamos conversar à vontade, Romeu podia gesticular à vontade, como ele gostava de fazer quando lia, ou descrevia, uma peça, ou uma cena, que tivesse em obra. Depois, porque estávamos na companhia de alguém que ele amava e conhecia profundamente: o rio. De vez em quando interrompia a conversa para apontar uma barcaça, uma fragata, um pequeno barco que aos meus olhos passaria despercebido. Aos dele, não. Sabia-lhe o nome, o emprego, a história».

Fernando Grade

«O R. C. era dos nossos, as pessoas sentiam-se bem a falar com ele, não tinha fumaças de intelectual porque também não pertencia ao clube..., era um criador de universos simultaneamente oníricos e telúricos, um criador por excelência, mas esse fermento adivinhado meio desprezioso onde nascera e se fizera homem.

Grosso modo, o Romeu fazia gala em sublinhar, nas mais diversas circunstâncias: "Sou o produto do meio associativo de Almada...."».

Alexandre Babo

«É raro um escritor ser tão arreigado à sua terra, à sua história, ao seu povo, às suas lutas e derrotas como Romeu Correia estava para Almada.

Toda a sua obra, que é muito grande e diversificada salvo pequenas excepções, se desenvolve na terra onde nasceu e morreu».

Elsa Rodrigues dos Santos

«O que mais me impressionava nele era a forma como comunicava. Tinha sempre histórias surpreendentes para contar que andavam à roda das personagens que criava, dos pequenos escândalos sociais, do seu passado, da infância, das tias, dos homens das docas, do porto, dos tanoeiros ou daquele mundo que tanto o enfeitiçava, o circo. Contava e as mãos tinham luz e moviam-se como seres animados, fantoches ou bonifrates».

Alexandre Castanheira

«Memória viva de Almada, merece bem ficar no centro da sua vida cultural que é o Fórum que ostenta o seu nome, assim perdurado numa cidade de progresso que não esquece as raízes: a vila, as antigas indústrias e estaleiros, os trabalhadores das grandes fomes e das duras lutas, um passado ainda mais recuado das gentes das vinhas e dos cereais que com as florestas cobriam as terras de Almada e ajudaram a combater castelhanos e miguelistas. E nas raízes, os homens e mulheres de todos os tempos... e entre todos eles, Romeu Correia».

Álvaro Pereira de Sousa

«Nascido de família pequeno-burguesa, numa terra de operários, convivendo de perto com eles e, mesmo por isso, profundamente ligado ao povo trabalhador almadense, sentindo a miséria da sua vida e a angústia dos seus problemas económicos, laborais, sociais e culturais, foi através desse povo proletário que Romeu Correia deu início à sua fulgurante caminhada literária e construiu com extraordinário dinamismo uma grande parte da sua obra».

Ângela Mota

«Dar a conhecer a obra de Romeu Correia é ensinar o amor a esta margem do Tejo, é como que um convite a olhar de um modo diferente os locais que são cenário da vida que salta dos seus livros – uma vida com

respiração própria, de gente fraterna, clandestina, sonhadora. O rio, sempre presente na sua obra, plena de beleza e de vida – habitado por tainhas e golfinhos, camarões e lulas, santolas e chocos... – surge como um desafio às gerações vindouras, um cântico de esperança para uma terra que queremos cada vez mais viva, para um rio que queremos definitivamente mais azul».

Vaza Pinheiro

«Numa frase aqui, noutra ali, numa história picaresca, numa viagem pela sua Almada Velha, numa peça representada ou em lista de espera, no projecto para o grande romance da sua carreira de escritor, aí se desenhavam em harmonia de secretas intenções: o real e o imaginário decorrente. Ele, foi sempre ele:

- no contador de histórias;
- no dramaturgo;
- no encenador;
- no actor;
- no contista;
- no romancista;
- no associativista».

Alberto P. Ramos

«Os romances de Romeu Correia têm momentos extraordinários e são obras que ficaram como referência para o conhecimento da vida, do falar e das mentalidades dos pescadores, da Costa de Caparica, das costureiras e outra gente do povo de Almada».

Alfredo Margarido

«A obra de Romeu Correia é hoje certamente o documento mais coerente de que dispomos para desenhar as condições existenciais – psíquicas e técnicas – que caracterizaram as populações da Outra-Banda, e mais particularmente de tudo o que está ligado a Almada».

ROMEU CORREIA



SÁBADO SEM SOL

CONTOS

1947

BIBLIOGRAFIA

(Por ordem cronológica das primeiras edições)

1942

1 – CORREIA, Romeu

Os gregos: novela desportiva/Romeu Correia. – Torres Vedras: [s. n.], 1942, – 4 p.: 17 cm

1.º Prémio dos Jogos Florais Acelistas 1942. Em 1987, a Academia Almadense publicou uma 2.ª edição de «Os Gregos», para assinalar a passagem do 70.º aniversário do escritor.

1947

2 – CORREIA, Romeu

Sábado sem sol: contos/Romeu Correia. – [S. L.: s. n.], 1947 (Lisboa: Oficinas Severo - Freitas - Mega). – 151, [3] p.; 19 cm.

Em 1975, R. C. fez uma 2.ª edição de autor na Gráfica Progressiva de Cacilhas.

1948

3 - CORREIA, Romeu

Trapo Azul: romance/Romeu Correia. – [S. L.: s. n.], 1948 (Lisboa: Severo - Freitas - Mega). – 221, [4] p.; 19 cm.

Outras edições: 2.ª e 3.ª edições da Oficina Tip. Severo, Freitas e Mega, 1953-1978; 4.ª e 5.ª edições da Editorial Notícias, Lisboa, 1989-1993.

1950

4 - CORREIA, Romeu

Calamento: romance/Romeu Correia. – Lisboa: Editorial Minerva, [1950]. – 232 p.; 19 cm.

Outras edições: 2.ª edição refundida pela Portugália Editora, Lisboa, 1964; e 3.ª edição pela Editoria Parceria António Maria Pereira. Lisboa. 1978.

1952

5 - CORREIA, Romeu

Gandaia: romance/Romeu Correia. – Lisboa: Guimarães & C.^a Editores, [1952]. – 280. [2] p.; 19 cm

1955

6 - CORREIA, Romeu

Casaco de fogo; comédia em 3 actos/Romeu Correia. – Algés – Lisboa: Orion, [1955]. – 130 p.; 20 cm

Esta comédia teve uma 2.^a edição refundida pela Prelo, Lisboa, 1970

7 - CORREIA, Romeu

Desporto-rei: romance/Romeu Correia. – Lisboa: Liv. Clássica Editora, 1955. – 318 p.; 19 cm

1957

8 - CORREIA, Romeu

Sol na floresta: peça em 3 actos/Romeu Correia; [apresentação de] António Pedro. – Porto: Círculo de Cultura Teatral, Teatro Experimental do Porto, 1957. – 79 p.; 20 cm

1960

9 - CORREIA, Romeu

O vagabundo das mãos de ouro: farsa em 3 actos/Romeu Correia. – [S. L.: s. n.], [1960] (Almada: Tip. Machado, Lda.). – 136 p.; 20 cm

Esta célebre farsa em três actos teve outras edições: 2.^a edição pela Portugália Editora, Lisboa, 1962; 3.^a edição pela Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1974; 4.^a edição por Círculo de Leitores, Lisboa, 1977; e 5.^a edição, com prefácio de Manuel Deniz Jacinto, pela Editorial Notícias, Lisboa, 1991. Graças à 2.^a edição, R. C. recebeu o Prémio da Crítica em 1962.

1961

10 - CORREIA, Romeu

Bonecos de Luz/Romeu Correia. – Lisboa. Editora Arcádia, Lda., 1961. – 288, [3] p.; 18 cm. – (Autores portugueses; 25-26)

Outras edições: 2.^a, 3.^a e 4.^a edições por Círculo de Leitores, respectivamente nos anos de 1974, 1986 e 1990; 5.^a edição pela Editorial Notícias, Lisboa, 1990.

1962

11 - CORREIA, Romeu

Jangada/Romeu Correia. – Lisboa: Portugália Editora, 1962. – 150 p.; – (O livro de bolso; 41)

1964

12 - CORREIA, Romeu

Laurinda: peça em 1 acto/Romeu Correia. – Sá da Bandeira: Pub. Imbondeiro, 1964. – 39 p.; 17 cm. – (Imbondeiro; 66)

1965

13 - CORREIA, Romeu

Bocage: crónica dramática e grotesca em duas partes e um prólogo/Romeu Correia. – Lisboa: Editora Ulisseia, 1965. – 160, [2] p.; 18 cm. – (Vária; 2) Em 1978, a Ed. Maria da Fonte fez uma 2.^a edição. Com esta crónica. R. C. recebeu o Prémio da Imprensa Regional, em 1965.

1966

14 - CORREIA, Romeu

Amor de perdição: glosa dramática em 3 partes do romance de Camilo Castelo Branco. – Porto: Porto Editora, [1966]. – 132 p.; 19 cm

1968

15 - CORREIA, Romeu

Três peças de Romeu Correia. Sol na Floresta, Laurinda, Céu da minha Rua/Romeu Correia. – Lisboa: Editorial Minerva, 1968. – 340, [1] p.; 18 cm

1969

16 - CORREIA, Romeu

O cravo espanhol: farsa-trágica em três actos e um réquiem/Romeu Correia. – Lisboa: Liv. Sam Carlos, 1969. – 146 p.; 19 cm

1971

17 - CORREIA, Romeu

Roberta: farsa-trágica em 3 actos e 1 epílogo/Romeu Correia. – Lisboa: Liv. Sam Carlos, 1971. – 183 p.; 19 cm

Prémio da Casa da Imprensa, 1972.

1973

18 - CORREIA, Romeu

Francisco Stomp/Romeu Correia. – [S. L.: s. n.], [1973] (Lisboa: Sousa Ferradeira, Lda.). – 18 p.: il.; 25 cm

Separata do bol. do Grupo Desportivo e Cultural do B. N. I.

Em 1992, esta biografia foi inserida na obra Francisco Stomp e o Sporting Clube de Portugal, do Grupo «Stomp», por ocasião do Centenário do Nascimento de Francisco Stomp.

1974

19 - CORREIA, Romeu

José Bento Pessoa: biografia/Romeu Correia. – [Lisboa]: Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino, 1974, – 291. [2] p.: il.; 18 cm

Separata do Bol.. «O B. N. U.» no Desporto e na Cultura, n.º 6.

1976

20 - CORREIA, Romeu

Um passo em frente: contos/Romeu Correia. – Lisboa: R.P.A. Publicações. [1976]. – 188, [2] p.; 21 cm

Prémio Ricardo Malheiros - 1976, da Academia das Ciências de Lisboa.

21 - CORREIA, Romeu

Os tanoeiros: romance/Romeu Correia. – Lisboa: Parceria, 1976. – 269 p.; 19 em Nova versão de *Gandaia*.

1978

22 – CORREIA, Romeu

Homens e mulheres vinculadas às terras de Almada: nas artes, nas letras e nas ciências/Romeu Correia. – Almada: Câmara Municipal. 1978. – 308, [5] p.: il.; 23 cm

1980

23 – CORREIA, Romeu

Grito no Outono: comédia em 2 actos e 7 quadros/Romeu Correia. – [Lisboa]: Garcia e Carvalho, Lda. Editores, 1980. – 188 p.; 2 cm. – (Teatro I)

1981

24 - CORREIA, Romeu

Jorge Vieira e futebol do seu tempo/Romeu Correia. – Lisboa: [s. n.], [1981] (Lisboa: Congráfica). – 367 p.: il.; 21 cm

25 – CORREIA, Romeu

As quatro estações: comédia em 2 actos e 10 quadros/Romeu Correia. – Lisboa: Moraes Editores, 1981. – 149 p.; 18 cm. (Pistas: palco; 54) Peça para Televisão, encomendada em 1980 pela SEC.

1982

26 - CORREIA, Romeu

O Tritão/Romeu Correia. – Lisboa: Editorial Notícias, [1982]. – 176 p.: il.; 21 cm

Esta editora publicou a 2.^a edição de «O Tritão» em 1993, com apoio da C.M.A.

1983

27 – CORREIA, Romeu

O andarilho das sete partidas: sátira em 2 actos e 12 quadros/Romeu Correia. – Lisboa: Sociedade Portuguesa dos Autores. 1983. – 188 p.; 16 cm. – (Reportórios da S. P. A.; 27)

Edição comemorativa do 4.º centenário da morte de Fernão Mendes Pinto. Em 1993, o Grupo Mérito da Vila de Avintes estreou «O Andarilho das Sete Partidas», com encenação do actor Fernando Maia e cenografia de Adelino Gomes.

1984

28 CORREIA, Romeu

Passado e presente do movimento associativo: breve reflexão sobre a sua existência antes e depois de Abril/Romeu Correia. – Almada: [Biblioteca Municipal], Câmara Municipal, 1984. – [16] p.; 21 cm
Separata da «Vértice», n.ºs 458-459, Jan.-Mar. 1984, p. 63-74.

1985

29 CORREIA, Romeu

O arrobas: conto/Romeu Correia.

– [Almada] [s. n.], 1985 (Cacilhas: Gráfica Ideal de Cacilhas). – 17 p., 1 est.; 21 cm

Separata do «Jornal de Almada».

1986

30 - CORREIA, Romeu

O 23 de Julho: narrativa/Romeu Correia. – Almada: [Biblioteca Municipal], Câmara Municipal, 1986. – 51 p., 15 est.; 21 cm

1988

31 – CORREIA, Romeu

Portugueses na V Olímpia: subsídios para a história do desporto português/Romeu Correia. – Lisboa: Editorial Notícias, 1988. – 149 p.: il.; 21 cm. – (Obras de Romeu Correia)

1989

32 – CORREIA, Romeu

Cais do Ginjal: romance/Romeu Correia. – Lisboa: Editorial Notícias, 1989. – 188 p.; 21 cm. – (Obras de Romeu Correia)

1995

33 – CORREIA, Romeu

Academia Almadense: memória de 100 anos/Romeu Correia.

– Almada: Academia Almadense, 1995. – 477 p.; il.; 28 cm.

34 - CORREIA, Romeu

A Palmatória: farsa-trágica em 2 actos e 9 quadros/Romeu Correia. – Lisboa: Soc. Portuguesa de Autores; D. Quixote, 1996. – 127 p.; 21 cm. – (Autores de Língua Portuguesa)

Visitas e Palestras

- ❖ Exposição documental patente ao público de 30 de Setembro a 30 de Novembro de 2007.
- ❖ Promoção de visitas guiadas e palestras quinzenais a grupos até 20 pessoas às quintas-feiras, das 10.30h às 12.30h, mediante marcação prévia para o secretariado: Tel. 212724904; Fax 212724919.
E-mail: arq.hist.mun@cma.m-almada.pt
- ❖ Preparação, montagem da exposição e organização do texto de apoio: Divisão de História Local e Arquivo Histórico.